

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

Morro dos Prazeres, este morro tem história (MP)

Sou patrimônio histórico dessa terra

História de [Leondras José de Moura](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 11/08/2003

Projeto Morro dos Prazeres – Este Morro tem história
Realização Instituto Museu da Pessoa
Entrevista de Leondras José de Moura
Entrevistado por Paula Ribeiro
Rio de Janeiro, 07 de setembro de 2002
Código: MP_CB031
Transcrito por Elisabete Barguth
Revisado por Giovanna do Carmo de Melo e Silva Oliveira

P1 – Bom, boa tarde Léo, eu gostaria de começar o depoimento pedindo que você dê o nome completo, o seu local e data de nascimento.

R – O meu nome completo é Leondras José de Moura, eu nasci em Minas Gerais, em Caratinga, no dia 07 de março de 1958. Aliás o Brasil só foi campeão depois que eu nasci. Eu moro na Rua Gomes Lopes, número 84, casa dois.

P1 – Conhece um pouquinho da história da sua família, quando ela veio pro Rio e por quê?

R – Bom, nós viemos para o Rio de Janeiro no ano de 1966, na chuva. Chegamos em janeiro na época da chuva.

P1 – Famosa enchente que deu na cidade.

R – A famosa enchente, tinham muitas dificuldades na época que a gente chegou, muita gente tava em colégios, em abrigos. Graças a Deus veio pra um lugar que não precisou... Viemos numa época difícil, mas por necessidade. Meu pai veio antes, a gente ficou lá, aí minha mãe resolveu vir atrás e a gente veio com a cara e com a coragem. Chegamos aqui no Morro dos Prazeres e o Escondidinho sempre teve gente lá de Minas morando. Então o Pedro Ribeiro, que é um dos mais antigos aqui que hoje não mora mais aqui, o Zé Mineiro que é "vendedor" também aqui, igual o Pedro Ribeiro, mas o Zé Mineiro já morreu, e a gente chegou a procura deles e fomos acolhidos aqui pelos outros mineiros.

P1 – Você lembra da tua primeira impressão ao chegar no Rio de Janeiro, no Morro dos Prazeres?

R – O Rio de Janeiro me lembra assim, uma coisa, porque onde eu morava quase não passava carro, luz elétrica era muito difícil e logo que eu cheguei no Rio de Janeiro eu vi aquilo tudo claro, um carro pra lá, um carro pra cá, já foi uma impressão assim brutal. E aqui no Morro dos Prazeres era mato puro, eu lembrei lá da roça, porque quando eu cheguei aqui era tudo mato, era uma trilhazinha de mato pra sair ali da barreira, dali debaixo da matinha. Pra sair ali da Rua Mamelôpis até aqui na Rua Almirante Alexandrino era uma trilha de mato, muita gente foi assaltada ali naquela época, porque os assaltantes se escondiam atrás dos capins e ficavam esperando o pessoal passar. Muitas histórias, inclusive outra pessoa que eu não falei e não era mineiro era o seu Antônio, Hoje e Amanhã, que era daquela época que eu falei do assalto. Até lembrei que ele foi uma das pessoas que teve uma briga com assaltantes nessa trilha de mato, né, porque também ele tinha a tendinha. Foi buscar pão de madrugada e os caras foram assaltar e ele aí teve uma briga, então eu acho que ele esfaqueou um, baleou outro, era um negócio sério.

P1 – Antônio Hoje e Amanhã, qual era o nome dele?

R – O nome dele era Antônio e o apelido Hoje e Amanhã. [risos]

P1 – E no tempo das casas, você lembra como eram as casas aqui, de zinco? Como é que era?

R – Casas de alvenaria, de tijolos, eram raríssimas. Quem tinha casa de tijolos aqui morava em palacete. A casa geralmente era de tábuas, um pouquinho melhorado de estuque, os telhados de zinco, alguns Brasilit e os de tijolos dificilmente você encontrava, era quase impossível você encontrar uma casa embolsada.

P1 – Um pouquinho da sua infância aqui, vocês brincavam? Como é que era?

R – A minha infância aqui foi muito boa, eu brinquei muito. Eu tenho até pena das crianças de hoje porque elas não brincam como eu brinquei. Eu brinquei inclusive até os 16 anos de idade, eu levava a namorada em casa e voltava pra brincar de pique bandeira à noite, nos dias de domingo, sábado.

P1 – Aqui?

R – É aqui, a gente brincava muito lá em cima, aqui embaixo. E na minha infância eu estudei no Colégio São Francisco de Assis, que era um colégio particular da igreja católica, lá no Rio Comprido. Mas eu fui atropelado e minha mãe me botou pra cá, eu vim estudar aqui na Escola Municipal Júlia Lopes de Almeida e a minha infância foi muito boa porque a gente brincava na escola, brincava aqui e as brincadeiras eram sadias: pipa e bola de gude como sempre teve, mas pique muitas coisas, mamar na burra, carniça, muitas brincadeiras...

P1 – Mamar no que?

R – Mamar na burra era um tipo de brincadeira que botava a pessoa abaixada e tapava os olhos do outro menino. Quem era o chefe - eu geralmente era o chefe, eu só brincava sendo o chefe - tapava os olhos e os outros se escondiam e ele ia procurar. O primeiro que achasse, aí ele tinha que ir ali como se fosse bater ponto. Ele vinha, batia o ponto ali e aquele menino passava a ser agora o que ia ficar mamar na burra. Só que na hora que a gente tapava os olhos, a gente cantava a música: (entrevistado canta) “Mamar na burra, na catiburra, piriquita um, dois, três”. Mas aí batia nas costas e ninguém queria ser se não doía.

P1 – Me diz uma coisa, apelidos, você tem apelidos?

R – Eu chamo de pseudônimo, porque pra mim são nomes artísticos. Porque o meu primeiro foi Léo da Vila, porque nós tínhamos aqui um bloco, nós fundamos, né. Eu fui um dos fundadores porque eu fui um dos compositores, quando fundou a primeira ala de compositores eu fiz parte.

P1 – Você lembra em que ano foi isso?

R – E aí você me pegou. Se eu tivesse levantado talvez eu lembrasse, mas aí nós fundamos...eu tinha o que, 20 anos. Então se são 20 anos, são 24 anos atrás, né, 24 anos atrás, eu to com 44. Então nós fundamos o bloco juntamente com o Guido que foi o primeiro presidente; o irmão Luiz Carlos, que foi o primeiro presidente da ala dos compositores e que já não está entre nós; o Brinja, o Getúlio aquele pessoal que pegou de frente.

P1 – O que motivou a constituição desse bloco?

R – Motivou que nós tínhamos outro bloco lá embaixo, o Independente da Barão que depois passou a ser Unidos da Rio Comprido. Só que depois esse bloco, ele ficava lá no fim da Rua do Escondidinho. Então o pessoal daqui pra ir pro bloco tinha que descer pra lá, então havia sempre a ideia, a vontade já tinha passado, um bloco aqui que chamavam de Bloco de Embalo, mas não tinha vingado porque o Bloco de Embalo não tinha consistência e a ideia do povo aqui sempre foi fundar um bloco pra não ter que descer lá pra beira da rua. E aí nesse bloco, como pegou aquela força jovem, né, aquele pessoal jovem - eu por exemplo era bem jovem, a maioria era bem jovem - então pegou com força. Aí a gente fundou o bloco e era um sucesso quando a gente fundou. O primeiro ano eu ganhei... o bloco teve sete anos de existência e eu ganhei quatro sambas.

P1 – Você se lembra do primeiro samba?

R – Eu só lembro da entrada do samba.

P1 – Então canta aí um pouquinho.

R – Era um enredo sobre a Portela, sobre a jaqueira da Portela. Porque a jaqueira da Portela era o lugar onde foi fundada a Portela. Aí tinha um pedaço, que era o começo: (entrevistado canta) “Viemos relembrar nessa passarela a famosa jaqueira da nossa querida Portela. Nas noitadas de sambas cuíca e cavaquinho, formava um lindo pagode com pandeiro e tamborim”. Só esse pedacinho que eu lembro.

P1 – Que bacana, aqui nos Prazeres não tinha uma jaqueira?

R – Aqui tinha uma também, mas a história da jaqueira era realmente da Portela. Então esse bloco nós fundamos e ele durou sete anos.

P1 – Qual era a cor? Tinha bandeira? Como é que era?

R – A cor era azul e branco.

P1 – Da Portela.

R – É, já veio com aquela ideia da Portela. Inclusive quando desfilou lá o pessoal chamou de Portelinha, porque botou uma árvore na frente e o símbolo da águia da escola, então eles chamaram de Portelinha.

P1 – Esse primeiro desfile foi aonde? Como é que era? Vocês se concentravam aqui e depois saíam desfilando? Como é que era?

R – Esse bloco era registrado: tinha a Federação de Blocos do Estado do Rio de Janeiro, era tudo direitinho, tudo registrado. Seu Mário era o presidente lá da Federação, então era registrado; tinha um nome, eu não me lembro agora o nome da verba que era dada, acho que era convenção, não sei, que dava pro bloco, pro bloco inteiro nas suas... igual o que dão pras escolas aí. O estado, a prefeitura dá uma grana, não é isso, pra escola montar o seu trabalho? Então o bloco tinha isso também da Federação. Então a gente escrevia as pessoas, o pessoal colocava as alas, se formavam as alas e aí tinha o dia dos desfiles no lugar marcado, né. E conforme ia ganhando entrava no último grupo e conforme ia ganhando ia descendo, só subia o primeiro e o segundo. Então no primeiro ano nosso nós já subimos, a gente ficou em segundo lugar. A gente perdeu na época pro Dragão de Nilópolis, que chegou a ser escola esse Dragão.

P1 – E como é que eram os ensaios? Vocês ensaiavam aqui?

R – A gente ensaiava aqui nessa quadra, porque naquele tempo não tinha essa mordomia de uma quadra bonita assim. Naquele tempo era ao ar livre, chão mesmo de terra. Depois a gente juntou, uniu as forças pra fazer um piso de cimento, né, pra não levantar tanta poeira porque o pessoal vinha com a roupa e voltava com a roupa impregnada de poeira de tanto dançar e sambar. Aí fizemos, naquele tempo não tinha...aí levamos lá pra dentro da SAMP [Sociedade de Moradores e Amigos do Morro dos Prazeres] e quando levava pra dentro da SAMP, aí o povo não cabia porque era muito grande o povo e pequeno o espaço ali da associação.

P1 – Mas a comunidade participava?

R – A comunidade? Totalmente, todo mundo descia, o pessoal se preparava e descia pra quadra e fazia uma bagunça.

P1 – Você tava me falando dos apelidos. Léo da Vila, por quê?

R – Aí com esse bloco ganhando samba, eu tinha um compadre, o Albertino. Então o Albertino era compositor da Vila Isabel e me chamou pra ir pra lá. Falou: “Vamos lá pra Vila e tal”. E tinha outro amigo nosso, que era o Paulo César, e ele era da Unidos da Tijuca e o Paulo César queria que eu fosse pra Unidos da Tijuca e o Albertino queria que eu fosse pra Vila Isabel. Como a Unidos da Tijuca era bem menor que a Vila, eu preferi ir pra Vila. A Vila era no América, tinha o Martinho da Vila, aparecia mais. O interesse de um artista quando tá começando é aparecer, é botar o nome dele na história; Aí eu fui pra Vila Isabel. Eu fui pra Unidos da Tijuca e fiquei um ano. Depois fui pra Vila Isabel e nós ganhamos o samba enredo. Eu não pude participar com o nome no samba porque eu não era compositor filiado da ala da escola, aí eu não pude entrar no disco, mas o samba era meu também, meu e do Albertino de parceria, né. E aí eu comecei a cantar lá na Vila e eles me colocaram o nome de Léo da Vila. Falaram: “Ah, você é o Léo, então vai ficar Léo da Vila”. Então ficou Léo da Vila. Depois eu fui o primeiro compositor aqui deste morro a gravar, primeiro compositor do Morro dos Prazeres que teve música gravada e tocando no rádio fui eu, né. Eu sou patrimônio histórico aqui dessa terra. Não é com orgulho que eu falo, mas é com prazer, porque eu sou do Morro dos Prazeres, é com prazer. O tempo em que eu vivi aqui, graças a Deus, sempre tive amizade, o pessoal aqui sempre me deu muita força. Nesse tempo que eu fui pra Vila inclusive nós ganhamos esse samba porque essa comunidade aqui foi essencial pra nós ganharmos o samba. Porque o presidente já falecido, o Valdeci, Doutor Valdeci ele disse: “Olha, se vocês botarem num povo legal, de torcida vocês vão ganhar esse samba”. E aí a gente colocou, essa comunidade todinha desceu, a gente andava dentro da Vila e a gente praticamente não via ninguém do Morro do Macaco lá, só do Morro dos Prazeres. Tomamos de assalto, quando o Macaco chegou não tinha espaço pra ele, a gente já tava lá e aí ganhamos o samba. Então foi fundamental e aí me botaram o nome de Léo da Vila, mas como eu comecei a gravar no meio do ano, comecei a ser parceiro do Agepê, então eu queria tirar o nome da Vila, eu queria tirar o nome da escola de samba porque o pessoal que era de escola de samba era meio discriminado no meio do pessoal. Aí eu queria tirar a “Vila” e aí eu botei Léo Vinícius; eu usei Léo Moura até que um dia eu me converti e passei a ser Léo de Jesus. E foi dado até Léo de Jesus não foi dado por mim, foi um grande compositor da música brasileira que é o Paulinho Rezende. que é o compositor do: Meu Surdo; Vem de Lágrimas... e é muito sucesso, não dá pra falar nem um terço do sucesso dele aqui. Então eu cheguei na SICAM [Sociedade Independente de Compositores e Autores Musicais] e o Paulinho Rezende falou: “Eu tô sabendo que agora você se converteu, né”, porque a sogra dele é crente, então ele sabe também o que é. Falei: “Eu me converti”. Então você agora não é mais Léo da Vila, agora é Léo de Jesus. Eu falei: “Pode anotar aí. agora que eu sou Léo de Jesus” naquela hora.

P1 – Pegou e deu sorte.

R – Deu sorte, eu tô com quatro cds gravados e dois vinis que vão transformar em cd e o próximo agora já tá gravado, falta só fabricar.

P1 – O Morro dos Prazeres te inspira.

R – Me inspira com certeza, o Morro dos Prazeres...

P1 – Com a tua vivência aqui, com teus amigos, como é que é, isso te inspira?

R – Poxa, como eu tinha falado, amizade aqui não tenho nem como contar senão eu vou até esquecer. Se eu falar nomes aqui eu esqueço de alguém e se eu esquecer de alguém podem reclamar depois. Mas aqui no Morro dos Prazeres, pra mim, sempre foi um lugar de muita inspiração. Eu compus muitas músicas, às vezes eu ia lá pro campinho, quando eu queria ficar sozinho, eu ia lá pro campinho e ficava longe, sentava lá no meio do mato, naquela grama, ficava olhando a cidade. Às vezes eu vinha pra colina e ficava assistindo o Corcovado, a Zona Sul, olhando lá de cima sempre dava inspiração, sempre descia com alguma coisa escrita. Isso sem falar o que a gente fazia aqui no Morro, os sambas de quadra quando fazia. Teve uma música que a gente fez aqui, eu e o Davi do Bonde, fizemos uma música sobre o Morro, que a gente começava na colina e chegava lá embaixo, só que eu não lembro a letra.

P1 – Ah, não lembra?

R – Não lembro a letra. A gente falava o nome dos lugares, a gente falava assim: A gente subia, passava na matinha e ia até a colina, passava no Morro dos Paraibas e voltava até o Escondidinho. Chegava até lá na quadra do bloco Unidos do Rio Comprido, eu sei que a gente começava assim (entrevistado canta) “Saí da Matinha, passei pela linha, subi na colina e resolvi descer. Passei pelo beco, passei pela escada...”. E era um negócio assim, mais ou menos, mas eu não lembro mesmo.

P1 – Sabe o porquê desse nome Morro dos Prazeres? O que você acha desse nome?

R – Eu cheguei a usar uma vez que eu gravei também. Eu botei prazeres no meu nome, eu botei Léo dos Prazeres, porque tinha lá. Até porque naquela época do negócio do bloco tinha o Heitor dos Prazeres, que foi um dos fundadores da Portela. E aí eu botei numa Léo dos Prazeres, quase que eu fico com esse nome. Prazeres é um nome maravilhoso, eu acho.

P1 – Você acha ou já ouviu alguma história que esse Heitor dos Prazeres tem algum elo aqui com o Morro dos Prazeres?

R – Não, não tinha não, não tinha nada haver com o Morro dos Prazeres. Inclusive, nós tínhamos no bloco um também que se chamava Heitor, que morava aqui e foi presidente da Associação também. E geralmente a gente botava uma pilha nele: “Chegou aí o Heitor dos Prazeres” [risos].

P1 – Então, pra ir finalizando, o que significa o Morro dos Prazeres pra você?

R – Ah, o Morro dos Prazeres pra mim significa... Se não tivesse o Morro dos Prazeres, eu acho que não teria tido infância e não teria tido juventude. Até a minha trajetória evangélica também dependeu do Morro dos Prazeres, né, eu consegui tudo que eu tenho na minha vida de história, de caminhada, de amizade, foi conseguido tudo aqui no Morro dos Prazeres, né. Até os artistas que eram meus amigos na época, antes de eu me converter, eles vinham aqui, faziam questão de vir para conhecer o Morro dos Prazeres. No Agepê às vezes eu dava uma canseira nele aqui, porque o Agepê já tava gordinho, já tava com 50 anos. Aí eu trazia o Agepê pra cá, ele dizia: “Ah, rapaz não aguento mais não, to cansado”. Mas ele queria andar, o Agepê era muito elétrico, não aguentava mais, mas queria andar. Ele falava: “Rapaz, esse morro aqui é muito bom”, porque na época o pessoal que tava aí, sabe o pessoal que a gente fala, né, o pessoal que tava aí era tudo do nosso tempo conhecido, então tinha aquela liberdade total no meio. Então o pessoal que vinha gostava muito, era muito bem recebido. Então a minha história no Morro dos Prazeres, não tenho como tirar o Morro dos Prazeres da minha vida.

P1 – E o Casarão, alguma lembrança especial do Casarão?

R – Eu vou te contar uma coisa: a surpresa que eu tive, eu ainda não tinha visto o Casarão, ouvi falar. A minha esposa me falou: “Você precisa ver como tá bonito”. Mas eu não tinha vindo aqui, porque eu sou muito ocupado, eu viajo muito, por um acaso eu tô aqui hoje, num domingo, mas é muito difícil; eu estaria em Campos. É que houve um desencontro na agenda e hoje eu tô aqui, mas geralmente eu tô viajando, eu não tinha visto. Quando eu vi o Casarão ali, eu tomei um susto porque ficou muito bonito. Eu até comentei com a moça ali que tava preenchendo a ficha o seguinte: Santa Tereza sempre teve um Centro Cultural e a gente ia lá, participava, fazia coisa lá, mas só que o nosso Centro Cultural aqui dos Prazeres arreventou o Centro Cultural de Santa Tereza, é muito lindo.

P1 – Como é que era? Quais são as suas lembranças do Casarão?

R – O Casarão no tempo de criança, a gente tinha até medo do Casarão aqui. Naquele tempo era Casa dos Padres e aí aquele negócio, aqueles homens de batina, tinha até história de assombração, tinha até história que aparecia um padre de três metros de altura. Isso era coisa de criança e a gente tinha até um pouco de medo de passar por aqui. Inclusive, teve uma época que morreu um bandido aqui na frente, que a polícia matou e eles atiraram dali e ele morreu aqui. Aí ficava mais difícil pra gente passar aqui, só de dia porque de noite a criançada fugia daqui. Mas era um negócio tenebroso, meio sinistro, mas agora quando eu vi isso aqui tudo bonito, tudo claro, muito bacana.

P1 – Tá bom. Então, pra finalizar, o que você acha desse projeto de memória que a gente tá fazendo de resgatar e preservar a memória da comunidade? E o que achou de dar o seu depoimento?

R – Eu achei fantástico esse projeto, jamais eu poderia esperar que o Morro dos Prazeres tivesse um projeto assim: um museu de histórias dele, que guardasse uma lembrança do passado, de pessoas que começaram isso aqui. Isso era mato puro, jamais eu poderia imaginar. Então eu acho fantástico esse projeto, vocês estão de parabéns.

P1 – Tá bom, Léo muito obrigada, super obrigada pelo depoimento.